



**Recensão a *Mapping Black Europe: Monuments, Markers, Memories*,
de Natasha A. Kelly
e Olive Vassell, eds.**

Ana Carolina Schweitzer

Práticas da História, n.º 17 (2023): 311-320

www.praticasdahistoria.pt

Natasha A. Kelly e Olive Vassell, eds.

*Mapping Black Europe:
Monuments, Markers, Memories*
Bielefeld: Transcript Verlag, 2023, 198 pp.

Ana Carolina Schweitzer*

“Teimarei em ser
africana
mesmo
que me queiram
alemã
e farei questão
de ser alemã
mesmo
que
minha negritude
não lhes
agrade”¹

May Ayim, 1990.

Tradução: Jessica Flavia Oliveira de Jesus, 2018.

* Ana Carolina Schweitzer (ana.carolina.schweitzer@hu-berlin.de), Humboldt Universität zu Berlin. Institut für Asien und Afrikawissenschaften. Unter den Linden 6, 10099, Berlin. Receção da recensão original: 12-07-2023. Receção da versão revista: 30-12-2023. Aceitação: 02-01-2024.

¹ Trecho do poema “grenzenlos und unverschämt – ein gedicht gegen die deutsche scheinheit”, de May Ayim. O original em alemão: “Ich werde trotzdem afrikanisch sein auch wenn ihr mich gerne deutsch haben wollt und werde trotzdem deutsch sein auch wenn euch meine schwärze nicht paßt.” May Ayim, *Blues in Schwarz Weiss. Gedichte* (Berlim: Orlanda Frauenverlag, 1995). A tradução deste trecho e do poema completo é da autoria de Jessica Flavia Oliveira de Jesus. Para uma análise da obra de Ayim, ver: Jessica Flavia Oliveira de Jesus, “May Ayim e a tradução de poesia afrodiaspórica de língua alemã” (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018), disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/193845/PGET0373-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>, acessado a 2 de janeiro de 2024.

Os versos de May Ayim, escritos numa Alemanha recém-unificada, apontavam que a unidade alemã não incluía todos os seus cidadãos. Passadas mais de três décadas, suas palavras ainda ressoam, compartilhando um sentimento tanto da população negra alemã quanto da europeia. Partindo dos desdobramentos do assassinio de George Floyd e do movimento Black Lives Matter, os oito capítulos do livro organizado por Natasha A. Kelly e Olive Vassell tem como objetivo analisar a Europa sob uma perspectiva intelectual negra. Publicado em março de 2023, a obra desconstrói a recorrente narrativa racista de que o continente europeu é exclusivamente branco. Além disso, a publicação oferece apontamentos valiosos sobre a presença de pessoas negras na história de importantes capitais europeias, como Berlim, Paris, Londres, Bruxelas, Oslo, Varsóvia, Roma e Luxemburgo. Reunindo acadêmicos, ativistas e jornalistas europeus de ascendência africana, cada autor do livro escreve sobre uma cidade na qual nasceu ou viveu um período expressivo de sua vida. Embora compartilhem os objetivos e pontos de partida, cada autor segue um caminho único em sua abordagem.

Para iniciar, um levantamento que parecia ser simples se mostrou uma tarefa consideravelmente desafiadora: identificar estatisticamente a população negra europeia hoje. Ou seja, a simples pergunta “quantas pessoas negras residem neste local” se tornou uma grande incógnita para muitas das capitais. No caso da Polônia, por exemplo, os únicos dados existentes são do escritório de assuntos estrangeiros que identifica apenas africanos residentes no país. Logo, não há informações sobre uma segunda ou terceira geração que nasceu na Polônia e é negra. De modo semelhante, essa falta de dados foi apontada nos textos referentes a França e Itália, onde os censos não incluem raça ou etnia. A ausência de informações colabora para a invisibilidade das pessoas negras, que são muitas vezes percebidas como “invasoras” de um espaço branco. A decisão quanto ao título do livro não poderia ser mais acertada. Ao eleger o verbo mapear, as organizadoras propõem uma reescrita da história urbana das cidades selecionadas sob uma perspectiva negra. Isso implica demarcar, apontar e identificar não apenas os espaços físicos, mas também os sociais e históricos ocupados por pessoas negras nesses locais. Segundo as organizadoras, mapear é um ato de contestar e criar mundo.

A publicação é resultado da parceria de duas pesquisadoras, Natasha A. Kelly e Olive Vassell, que se dedicam há anos a refletir sobre questões de racismo, representatividade e redes de pessoas negras na Europa. Natasha A. Kelly é especialista em estudos de comunicação e sociologia, sua produção escrita entrelaça colonialismo, racismo e feminismo. Seu livro *Afrokultur* analisa o papel de W. E. B. Du Bois, Audre Lorde e May Ayim na construção da identidade afro-alemã.² Para além da produção acadêmica, Kelly é artista e ativista, também prestou consultorias e foi curadora de diferentes instituições europeias. Olive Vassell é professora da University of the District of Columbia, em Washington, D.C, onde coordena o programa de mídia digital. Suas pesquisas se concentram em analisar o papel da mídia na produção da definição de “europeus negros”. É fundadora do portal Euromight, pioneiro em promover notícias da comunidade negra europeia.³ Desde 2012 estas duas pesquisadoras-ativistas – suas autodefinições – coordenam o projeto Black European Academic Network (BEAN), uma plataforma multilíngue que visa ser um espaço de rede e apoio para acadêmicos negros europeus do campo de estudos negros europeus.⁴

Na introdução, as organizadoras pontuam uma escolha conceitual: usar o termo *Black* em letra maiúscula. A escolha, afirmam, é um “ato linguístico de resistência sociopolítica contra a supremacia branca”. Ao mesmo tempo, a mudança enfatiza uma luta contínua. O termo *Black*, de acordo com Kelly e Vassell, vai além da cor da pele e da própria cor negra. Citando bell hooks, elas sublinham a concepção de raça enquanto categoria social. Longe de ser um grupo homogêneo, as autoras reforçam que europeus negros compartilham de diferentes entendimentos de negritude atravessados por estruturas de poder constituídas por outras categorias como, por exemplo, gênero e nação. Já o termo *white* é escrito em letra minúscula, como um lembrete de que este não se trata de uma autoidentificação, mas sim de uma categoria

² Natasha A. Kelly, *Afrokultur: Der Raum Zwischen Gestern und Morgen* (Münster: Unrast, 2021).

³ “About Euromight”, Euromight Website, disponível em <https://www.euromight.com/ems/home>, acessado a 3 de julho de 2023.

⁴ “About us”, *Black European Academic Network*, disponível em <http://beaneu.org/about-us/>, acessado a 28 de junho de 2023.

de análise criada por pesquisadores negros com o intuito de evidenciar a norma europeia branca. Partindo destes conceitos, os oito capítulos conectam as cidades europeias a partir dos três termos presentes no subtítulo do livro: monumentos, marcas e memórias. Ao invés de optar por uma breve síntese para cada capítulo, este texto se propõe a aprofundar-se nos diálogos que emergem de cada capítulo, utilizando as palavras-chave do subtítulo como pontos de ancoragem.

Monumentos são frequentemente peças centrais nos debates sobre descolonização. Assim como estátuas, eles são reminiscências do passado colonial que acabaram sendo apropriados enquanto ferramentas na luta antirracista. Isso ocorre porque ambos catalisam discussões em diversos contextos, seja para sua destruição ou para a construção de novas representações. Entre os monumentos a serem removidos, incluem-se aqueles que promovem uma estética racista, glorificam indivíduos associados a projetos coloniais ou celebram massacres e outros eventos históricos violentos. Natasha A. Kelly aponta o caso da “*Herero Stone*” em Berlim, uma pedra de granito que presta homenagem aos soldados alemães da força de proteção (*Schutztruppe*) que lutaram na guerra entre 1904-1908 na Namíbia, então colônia alemã, evento reconhecido oficialmente como o genocídio do povo Herero e Nama.⁵ Intervenções artísticas têm sido uma das estratégias adotadas por alguns coletivos para chamar a atenção da população em relação a certos monumentos. Embora muitas vezes efêmeros, estes são atos de contestação. Como Aleida Vieira e Bernardino Tavares enfatizam, analisando a cidade de Luxemburgo, tais intervenções contribuem para a sensibilização da sociedade acerca da brutalidade que estes monumentos representam ao ocupar espaços públicos. Se alguns devem cair, outros precisam de ser erguidos. Épée Hervé Dingong e Olive Vassell destacam a importância do Panteão de Paris, um espaço representativo para pensar a disputa de memórias.

5 É importante ressaltar que a Alemanha demorou mais de cem anos para reconhecer o genocídio e propor medidas de reparação, que ainda seguem em negociação. Sobre o genocídio do povo Herero e Nama e política colonial alemã ver: D. Olusoga e C. Erichsen, *The Kaiser's Holocaust: Germany's Forgotten Genocide and the Colonial Roots of Nazism* (Londres: Faber & Faber, 2010) e Reinhart Kössler, *Namibia and Germany: Negotiating the Past* (Namíbia: University of Namibia, 2015).

No capítulo sobre a capital francesa, os autores demonstram como esse exemplo retrata muito bem a longa jornada ainda necessária para que pessoas negras façam parte de grandes monumentos e memoriais.

As capitais europeias carregam resquícios, ou melhor, marcas do passado. Por definição, marcas são objetos usados para indicar uma posição, lugar ou rota. Podem ter múltiplos significados. Quais são as marcas que apontam para a presença histórica de pessoas negras nestas cidades? Os autores exploram diferentes vestígios. Alguns são bastante comuns, como o engajamento de organizações na criação de *city-tours*, nos quais pessoas negras são apresentadas como protagonistas das histórias dessas cidades, exemplificado pelo Collettivo Tezeta, em Roma, e o Decolonize Berlin.

No século passado, algumas capitais sediaram feiras para promover o colonialismo. Conhecidos por zoológicos humanos, estes espaços eram construídos como uma atração ao público europeu, exibindo pessoas das regiões colonizadas. Apesar de cada cidade apresentar uma estrutura singular no modo de montar as exposições, todas estas feiras eram “espetáculos humilhantes da diferença”.⁶ Essas marcas físicas do passado colonial, como bem definiu Sibö Rugwiza Kanobana, são mencionadas nos capítulos sobre antigas metrópoles coloniais como Oslo. Em 1914, a capital da Noruega foi o local de uma exposição com o foco na agricultura e na indústria, mas para entretenimento criaram um parque chamado “*Congolese Village*”, onde 80 indivíduos – crianças e adultos – vindos do Senegal foram transformados em espetáculo, performando ditas “atividades africanas” com vestes e objetos considerados “autênticos”. O texto de Michelle A. Tisdell sobre o legado colonial norueguês é riquíssimo. Sua análise aborda o “colonialismo sem coloniais”, onde países, mesmo sem possuírem territórios coloniais próprios, desempenharam papéis significativos na facilitação de projetos coloniais.

As marcas também estão nos espaços conquistados. A criação de bibliotecas como a Vera-Heyer-Archiv, em Berlim, ou os Black Cultural

⁶ Sandra Sofia Machado Koutsoukos, *Zoológicos humanos: gente em exibição na era do imperialismo* (Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2020).

Archives, em Londres, são exemplos de lutas coletivas para a criação de locais especializados na literatura, mídia e história negras. Isso se deve à atuação de intuições e organizações engajadas em promover a luta antirracista e anticolonial, mencionadas em todos os capítulos. Ruas e avenidas possuem igualmente relevância no contexto urbano. As alterações dos nomes das vias são impulsionadas por uma questão fundamental: que nomes devem ser lembrados e exaltados na memória coletiva da cidade? Desse modo, essa problemática se refere à discussão das memórias – o terceiro termo que consta no subtítulo do livro.

Há memórias que permanecem excluídas dos mapas das cidades. A participação de pessoas negras nas tropas europeias, tanto na I como na II Guerra Mundial, é um importante exemplo. A Bélgica enviou cerca de 22 mil soldados africanos para lutarem na Force Publique, na Etiópia, ao lado de tropas britânicas. Todavia, a exclusão destes indivíduos das memórias coletivas referentes à guerra se deu logo em seguida, quando foram impedidos de marchar como vitoriosos ao lado das tropas aliadas e excluídos de pensões ou quaisquer outros benefícios que os soldados brancos receberam. Londres instalou um memorial na Windrush Square para lembrar os soldados africanos e caribenhos que lutaram em suas tropas somente em 2017. Em Paris, a praça em memória dos *African tirailleurs* foi inaugurada recentemente, em março de 2023.

O foco em capitais se baseia na concepção de que foi nelas que o colonialismo se fez mais visível e presente. Estes grandes centros também são, de modo geral, os espaços onde há maior população negra. Apesar disso, as organizadoras reconhecem que essa seleção deixa de contemplar cidades como Hamburgo ou Liverpool, que possuem vínculos estreitos com o colonialismo. Contudo, há duas capitais cuja ausência nesta obra parece incompreensível. A omissão dos casos de Madrid e Lisboa é um ponto a ser criticado no livro, visto que todas as questões nele abordadas poderiam ser exploradas e conectadas a estas duas cidades. Não somente a questão do colonialismo do século XIX e XX, mas a longa tradição de nomear processos exploratórios como conquistas. A existência de projetos que se dedicaram a explorar temáticas

semelhantes às abordadas neste livro reforça a ideia de que a inclusão das duas capitais ibéricas contribuiria significativamente para o debate.

Diferentes perspectivas e experiências vinculadas ao passado colonial são evidenciadas nos capítulos. Se, por um lado, a ligação com o colonialismo é estabelecida pela presença de territórios coloniais; por outro lado, alguns países justificam a ausência de um legado colonial exatamente pela inexistência de ex-colônias. Os textos dedicados às cidades de Oslo, Luxemburgo, Varsóvia e Bruxelas proporcionam reflexões significativas sobre o tema. Todos os autores se esforçam para apontar o envolvimento destes locais com as questões coloniais ou projetos imperiais dos séculos passados. Por exemplo, a participação ativa de Luxemburgo nos empreendimentos coloniais europeus por meio de fortes vínculos comerciais. De modo semelhante, a Noruega teve seu papel em processos coloniais e no comércio transatlântico de pessoas escravizadas. Ao longo do livro é destacada a importância de entender os legados coloniais para além de questões estritamente geográficas. Embora países como Luxemburgo e Polônia não tenham sido potências coloniais, James Omolo e Natasha A. Kelly reiteram que reduzir a concepção de colonialismo apenas a delimitações territoriais é um grande engano. Os autores reforçam a concepção de transversalidade colonial para indicar que o colonialismo opera de modo transversal no tempo e no espaço.

A “inocência colonial” de muitos países é confrontada ao longo de toda a obra. Este conceito de inocência refere-se à crença equivocada de que algumas nações nunca foram grandes potências econômicas, tendo uma atuação limitada e sendo, portanto, isentas das acusações relacionadas a um legado colonial. Os autores argumentam que esta inocência se trata, na verdade, de projetos de amnésia seletiva. A Bélgica faz uso deste argumento: seu país é pequeno, portanto, teve pouco impacto histórico, o que os leva a ignorar o passado colonial belga e as atrocidades vinculadas às suas políticas coloniais. O apagamento da presença histórica negra na cidade de Roma é, igualmente, uma manifestação dessa amnésia seletiva. Como argumenta Kwanza Musi dos Santos, os sujeitos históricos negros são deliberadamente ignorados nos

espaços públicos, contribuindo para a perpetuação desse apagamento. Em contraste, símbolos que celebram ações colonialistas na África são notáveis e podem ser observados dispersos pelas ruas de Roma.

As capitais das antigas metrópoles europeias foram espaços de luta anticolonial. Algumas foram palcos centrais desses movimentos. Essas cidades, que outrora representavam o epicentro da autoridade colonial, tornaram-se, de maneira paradoxal, locais ferventes de resistência e reivindicação. Em Paris vemos desde a criação de movimentos, como a Negritude, a espaços físicos, como a livraria e editora *Présence Africaine*. Entender as capitais europeias a partir do encontro de intelectuais africanos e caribenhos é essencial para compreender movimentos internacionalistas anticoloniais. Os capítulos tratam igualmente de eventos como os congressos Pan-Africano ocorridos em Paris, Bruxelas e Londres, entre 1919 e 1923.

A publicação de *Mapping Black Europe* traz contribuições em ao menos três esferas. A primeira é social. Ao compor uma extensa e detalhada curadoria da presença negra no continente europeu do passado à contemporaneidade, o volume é uma ferramenta de empoderamento, como proposto pelas organizadoras. Isso se deve não somente a todo o levantamento realizado sobre os espaços de presença negra, como também das ausências apontadas. Ao refletir acerca das ausências, sua segunda grande contribuição está na questão legal. Muitos dos autores escreveram sobre o desafiador caminho traçado por eles para chegarem a dados acerca da população negra europeia. Além disto, fizeram críticas às poucas e inconsistentes pesquisas governamentais acerca da percepção de racismo nestas cidades, estudos estes que, em alguns casos, não integram pessoas negras nas suas equipas. A ausência de dados reflete um outro tema latente na Europa: o direito à cidadania. O livro promove um debate riquíssimo sobre o que é ser cidadão europeu e o quanto pessoas negras percebem viver na periferia desta cidadania. Nesse sentido, na sua terceira esfera de contribuição, *Mapping Black Europe* oferece um importante debate acadêmico sobre como a Europa é imaginada.

Aos historiadores, o volume deixa uma convocação: a história é um componente fundamental nas lutas antirracistas e pela reparação.

Projetos de mudança de nome de ruas, de criação ou destruição de monumentos ou de abertura de novos espaços culturais muitas vezes esbarram em legislações que estabelecem critérios rígidos sobre quem pode ser homenageado. Muitas legislações exigem que o espaço público receba o nome apenas de pessoas reconhecidas como personalidades marcantes. Para tanto, há necessidade de respaldo acadêmico para a criação de narrativas que evidenciem a atuação de sujeitos históricos negros. A produção historiográfica é, nesse sentido, parte estruturante de mudanças significativas e urgentes nos espaços públicos das cidades europeias. Afinal, como as organizadoras salientam, o combate ao racismo inclui conhecer sua história. Eu acrescentaria, também, (re)escrever histórias.

BIBLIOGRAFIA

- Ayim, May. *Blues in Schwarz Weiss.Gedichte*. Berlim: Orlanda Frauenverlag, 1995.
- Jesus, Jessica Flavia Oliveira de. “May Ayim e a tradução de poesia afrodiaspórica de língua alemã”. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
- Kelly, Natasha A. *Afrokultur: Der Raum Zwischen Gestern und Morgen*. Münster: Unrast, 2021.
- Koutsoukos, Sandra Sofia Machado. *Zoológicos humanos: gente em exibição na era do imperialismo*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2020.

Referência para citação:

Schweitzer, Ana Carolina. “Recensão a *Mapping Black Europe: Monuments, Markers, Memories*, de Natasha A. Kelly e Olive Vassell, eds.”. *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 17 (2023): 311-320. <https://doi.org/10.48487/pdh.2023.n17.32038>.